

Argentina acerta com o FMI em junho

por Jimmy Burns
do Financial Times

A Argentina espera concluir a minuta de uma carta de intenção ao Fundo Monetário Internacional (FMI) no início do próximo mês, esperando chegar a um acordo final em 14 de junho, declarou anteontem à noite o vice-presidente do Banco Central argentino, Leopoldo Portnoy.

"Nossa posição é muito clara. Desejamos um acordo com o Fundo o mais rápido possível, não temos intenção de romper negociações que consideramos estar transcorrendo normalmente", declarou Portnoy ao Financial Times.

Esta foi a primeira declaração pública de um alto funcionário argentino a um jornal estrangeiro desde o comunicado do último fim de semana, firmado pelos presidentes do Brasil, México, Argentina e Colômbia, advertindo que as altas taxas de juros internacionais ameaçam o caminho para a democracia na América Latina.

A iniciativa parece destinada a dissipar os temores de que a firme posição latino-americana quanto à questão dos juros dos Estados Unidos pudesse tentar a Argentina a rejeitar o FMI como elemento-chave na renegociação de cerca de US\$ 20 bilhões em pagamentos vencíveis neste ano.

MAIS FLEXIBILIDADE

Respalmando as afirmações de Portnoy, o ministro da Economia, Bernardo Grinspun, declarou ao Congresso, anteontem à noite, que um acordo com o FMI seria a opção "mais conveniente" para a Argentina, pois o rompimento das negociações criaria grandes obstáculos para o país obter melhores termos por parte dos bancos comerciais, que provavelmente declarariam a Argentina "abaixo dos padrões".

Apesar disso, Grinspun, respondendo a uma pergunta da oposição peronista, acentuou que a Argentina não aceitará nenhuma modificação nos termos e metas de sua carta de intenção, à qual confirmou estar sendo preparada.

As declarações de ambos os funcionários contrastam com os pontos de vista recentemente expressos por algumas fontes do Ministério da Economia, que sugeriram que as negociações com o Fundo estavam à beira do colapso, devido à "inflexibilidade" do FMI e à determinação do presidente Alfonsín de não aceitar um plano de austeridade muito severo.

"O início do fim do drama"

O ministro da Indústria e do Comércio, João Camilo Penna, considera que a reunião dos países devedores latino-americanos não conflita com a negociação de suas dívidas externas, já em andamento. Os governos, a seu ver, não podem ausentar-se deste tipo de discussão, pois grande parte dos problemas econômicos internacionais advêm de políticas monetárias, fiscais e alfandegárias protecionistas dos países.

Penna disse à repórter Maria Helena Tachinardi: "Estamos vivendo o final do drama".

Portnoy confirmou que o governo argentino espera agora que o déficit orçamentário tenha uma média de cerca de 10% do PIB neste ano, dois pontos acima da previsão inicial do governo, mas bem abaixo do déficit de mais de 17% do PIB registrado atualmente.

Funcionários do FMI propuseram que o déficit deveria ser reduzido a aproximadamente 6% do PIB. Mas Portnoy disse esperar que o "board" do FMI aceite o argumento argentino de que "é melhor concordar com metas que realisticamente pensamos poder cumprir do que rompermos nossas promessas, como no passado".

DINHEIRO PARA ESTE ANO

A Argentina busca captar cerca de US\$ 3,5 bilhões em novos créditos para cobrir seus problemas de liquidez neste ano e está ciente de que a obtenção de créditos comerciais está condicionada à luz verde do Fundo, de acordo com Portnoy. O funcionário situou as atuais reservas cambiais do país entre US\$ 1,2 bilhão e US\$ 1,3 bilhão, devido aos altos rendimentos obtidos com as exportações de cereais neste período do ano, mas acrescentou que estas deverão cair para cerca de US\$ 800 milhões na segunda metade de 1984.

Em termos estritos, a data de 15 de junho fixada por Portnoy significa que a Argentina novamente não conseguirá chegar a um acordo com o FMI antes do final deste mês, prazo dado pelos Estados Unidos como parte do pacote de US\$ 500 milhões decidido a 31 de março passado.

Sob esse acordo, Venezuela, México, Brasil e Colômbia proporcionaram US\$ 300 milhões, com a Argentina e os bancos comerciais colocando mais US\$ 100 milhões cada. O Departamento do Tesouro dos EUA concordou em fornecer um empréstimo temporário para auxiliar a Argentina a pagar seus credores latinos, desde que o acordo com o FMI fosse completado.

Portnoy disse esperar que os principais integrantes do pacote concordem com uma nova prorrogação, embora a Argentina já esteja preparando um arranjo através do qual poderão ser utilizados os mecanismos de cooperação entre os bancos centrais da região, de acordo com o previsto nos dispositivos da Associação de Integração Latino-Americana (Aladi).

O funcionário, entretanto, mostrou-se menos otimista quanto às perspectivas de um rápido acordo com os bancos comerciais, mesmo após um acordo com o FMI. A Argentina está aparentemente determinada a renegociar os termos do reescalonamento de 1982/83 acertado pelo antigo regime militar, utilizando a nova solidariedade latino-americana sobre a questão da dívida como ponto de barganha.

"O comunicado do fim de semana passado deve ser interpretado pelos bancos como uma clara advertência de que estamos considerando a questão das taxas de juros seriamente e que estamos buscando novas soluções", disse Portnoy, reiterando as reivindicações dos ministros da Economia da região com respeito à redução das taxas de juros e ao alongamento dos prazos de pagamento.